

**Racismo cordial em profissionais de saúde: relato de experiência****Cordial racism in health professionals: an experience report**

Maísa Galdino Pereira ¹, Fabricia Cristina Vidal Silva ², Luana Régia Ferreira Vieira ³, Cícera Renata Diniz da Silva ⁴, Paula Frassinetti Oliveira Cezario ⁵

v. 3/ n. 1 (2020)
Janeiro/Junho

Aceito para publicação em
16/05/2020.

Graduada do Curso de enfermagem da Universidade Federal-de Campina Grande-UFCG ,
maisaenf.art@gmail.com;

² Graduada do Curso de enfermagem da Universidade Federal-de Campina Grande-UFCG
fabricia.vidal23@gmail.com

³ Graduada do Curso de enfermagem da Universidade Federal-de Campina Grande-UFCG; luh.regia@gmail.com

⁴ Mestranda do programa de pós graduação em enfermagem da Universidade Federal da Paraíba UFPB;
paulafrassinetti22@gmail.com

⁵Doutoranda pelo Curso de ciências da saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;
renatadiniz_enf@yahoo.com.br



www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/revis/index

Resumo

A sociedade foi construída na supremacia de grupos em detrimento de outros, características consideradas como representatividade de boa índole e respeito produziram raízes discriminatórias tão profundas que após décadas de evolução social ainda refletem praticas racistas e preconceituosas baseado na cor. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, a respeito de uma ação voltada para o racismo realizada pelas integrantes do projeto de extensão intitulado População Negra em foco: promovendo a educação em saúde e o empoderamento. A percepção de aceitabilidade dos profissionais sobre debater-se sobre o racismo e como somos produtores dele, desencadeou duas reações, em princípio curiosidade sobre as relações diretas a saúde, fragilidades fisiológicas, progressão da doença, entre outros. No segundo momento, resistência em considerar o racismo social como algo predominante no meio, o que se justifica pela dificuldade de uma auto avaliação. O relato em questão proporciona a ampliação de caminhos novos, visto que apresenta ao meio acadêmico a atuação direta com profissionais de uma Unidade Básica de Saúde, os desafios, as percepções e a importância de uma prática que leve informação e auxilie na educação desses profissionais, em que o baixo estímulo por parte gestoras a atualizações constantes , acarreta em risco a assistência à saúde, além de possibilitar também o início do rompimento de paradigmas anteriormente enraizados culturalmente, quebrando a barreira do receio de ser comentado e trazendo a tona o Racismo latente em uma sociedade.

Palavras-chave: Enfermagem; Saúde das Minorias Étnicas; Saúde Pública

Abstract

Society was built on the supremacy of groups over others, characteristics like representativeness, of a good nature and respect, produced discriminatory roots so deep that after decades of social evolution they still reflect racist and prejudiced practices based on color. This is a descriptive study, of experience report type, regarding an action focused on racism carried out by the members of the extension project entitled "População Negra em foco: promovendo a educação em saúde e o empoderamento" (Black Population in focus: promoting health education and empowerment). The professionals' perception of acceptability about discussing racism and how we are producers of it, triggered two

reactions, in principle curiosity about direct health relationships, physiological weaknesses, disease progression, among others. In the second moment, resistance to consider social racism as something prevalent in the environment, which is justified by the difficulty of self-assessment. The report in question provides the expansion of new paths, since it presents the academic environment with direct action with professionals from a Basic Health Unit, the challenges, perceptions and the importance of a practice that brings information and helps in the education of these professionals, in which the low stimulus on the part of managers to constant updates, puts health care at risk, in addition to also allowing the beginning of the rupture of previously culturally rooted paradigms, breaking the barrier of fear of being commented and bringing up latent Racism in a society.

Keywords: Nursing; Health of Ethnic Minorities; Public Health

1. Introdução

Há muito tempo debate-se a forma com que a sociedade lida com as diferenças humanas em termos de cor, etnia, sexualidade, religião, cultura, entre outros. A esfera social por séculos construiu uma visão distorcida e sem fundamentos sobre alguns grupos populacionais, ocasionando uma hierarquia produtora do que hoje conhecemos como processos discriminatórios e preconceituosos.

No Brasil, o preconceito e discriminação considerando a cor do indivíduo, é facilmente naturalizado, como um reflexo histórico, o racismo é difundido de forma por vezes imperceptível em meio social, o debate sobre tal assunto é rodeado de pudor, que dificulta o diálogo e camufla essas ações. O racismo, segundo Keum e Miller (2017), atinge pessoas individualmente, a nível grupal e institucional, exercendo um considerável domínio e poderio à medida que estabelece privilégios à população branca, marginalizando a população negra.

No que se refere à cor da pele, o que predomina são os processos de hierarquização social definida a partir da manifestação fenotípica do indivíduo “Ser Branco, não exclui ter sangue negro”, porém a cor da pele representa mais do que as características raciais, onde a “branquitude” dotada de representatividade hierárquica, reduz barreiras e minimiza atos discriminatórios (SHUCMAN, 2014).

O racismo manifesta-se de forma sutil e quase imperceptível, por vezes, protegido pela minimização de quem o produz, percorre o caminho de forma rasteira e quando encontrado, esconde-se atrás das falsas dualidades. Araújo (2016) evidencia que frequentemente brasileiros escondem-se atrás de piadas para naturalizar ações racistas, o riso facilita a reprodução de dizeres, que de alguma forma, menospreza e ridiculariza o negro. O Brasil não se considera um país racista e exibem uma imagem de enaltecimento à miscigenação e liberdades de estigmas.

Diante disso, justifica-se a tal escrita mediante a necessidade de expor sobre o trabalho de se debater sobre racismo em um ambiente de saúde, Por conseguinte, objetiva-se descrever a experiência vivida por acadêmicos de enfermagem através da realização de uma roda de conversa com os profissionais de uma Unidade Básica de saúde acerca do racismo e como este influencia no dia a dia do atendimento.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, a respeito de uma ação voltada para o racismo realizada pelas integrantes do projeto de extensão intitulado População Negra em foco: promovendo a educação em saúde e o empoderamento. A implementação aconteceu com os profissionais da Estratégia Saúde da Família localizada no alto sertão paraibano.

A ação teve início com a exibição de dois vídeos retratando como a sociedade encara o racismo, o primeiro mostrava crianças elencando características a uma boneca de cor negra e outra de cor branca. O outro vídeo evidenciava alguns dados estatísticos demonstrando a desvantagem que essa população vive. Em seguida houve a elucidação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), além da retirada das dúvidas existentes no que diz respeito à temática da ação: o racismo.

3. Resultados e Discussão

O vídeo escolhidos objetivou sensibilizar o público quanto aos hábitos incorporados à cultura de muitas pessoas. O vídeo mostrava crianças frente a bonecas negras e brancas, o intuito era observar quais adjetivos as crianças relacionavam a cada boneca, questionado quem era a boneca boa? Má? Bonita? Feia? As características iam sendo atribuídas e com isso observado como os adjetivos de cunho negativo eram atribuídos, para a boneca negra e os que indicavam positividade para a boneca branca. Isso valida à ideia de que a cultura e a educação advinda do meio a qual a criança insere-se influenciam diretamente

No que se refere à visão das crianças sobre preconceito, o vídeo exposto na ação proporcionou aos participantes uma sensibilização acerca do tema. Foi evidenciada a construção de uma visão negativa, advinda de crianças, sobre a pessoa negra. Estudos realizados por Gonçalves (1985), Oliveira (1994) e Cavalleiro (1998) alavancaram pesquisas referentes a questões

relacionadas ao pertencimento racial e educação infantil. As escolas, muitas vezes, utilizam o silêncio para resolver conflitos decorrentes das relações sociais. As crianças são influenciadas pelo racismo direto ou indiretamente. Além disso, os meios de ensino não possuem espaço que proporcionem debates sobre o tema e as experiências relacionadas às raças, o que deixa uma lacuna na educação infantil e dificulta a quebra de paradigmas.

Santiago (2014) expõe que a educação sobre as culturas negras já molda o processo educacional com ideologias racistas e de uma falsa superioridade racial, agravando as desigualdade entre humanos. De acordo com Bicudo (1955), “a criança é influenciada pelas atitudes dos pais com respeito às pessoas de cor, porém [...] ela as re-elabora, mantendo-as com maior ou menor tenacidade, segundo os afetos operantes nas relações com os pais” (p. 292). O estudo demonstrou a existência de atitudes preconceituosas relacionadas a negros, a marginalização e a transformação da palavra negro em xingamento. Com isso, fica evidenciado a importância de se trabalhar questões raciais desde a infância visto que é a fase de formação da personalidade e pensamento crítico.

Os profissionais intrigaram-se como a representatividade da pele em crianças tão jovens surtia um efeito tão forte, e em como estes efeitos poderiam ser reproduzidos dentro de uma sociedade pelas mesmas crianças em uma idade mais velha.

A maioria dos profissionais do serviço foram apresentados pela primeira vez à Política Nacional Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), muitos alegaram não saberem de sua existência e demonstraram surpresa durante a explicação da mesma. A PNSIPN tem como marca o “reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde”. Seu objetivo é “promover a saúde integral da população negra, priorizando a redução das desigualdades étnico-raciais, o combate ao racismo e à discriminação nas instituições e serviços do SUS” (BRASIL, 2018). A referida política possui 10 anos de existência, com isso ainda há um certo desconhecimento por parte da população e pelos próprios profissionais de saúde de que a PNSIPN existe e como o racismo pode influenciar o acesso aos serviços, a qualidade da atenção e o acesso aos serviços.

Embora o vídeo apresentado tenha trazido impacto na ao profissional em como uma criança pode enxergar a si e ao outro, quando questionado a nossa visão sobre racismo, muitos profissionais ficaram na defensiva sobre como o racismo por vezes é um caso isolado e de entendimento ambíguo.

Nos últimos anos o racismo entrou em pauta após lutas por grupos organizados que evidenciaram como este e suas variantes influenciavam diretamente no processo de saúde e doença de uma população, primeiro pela vulnerabilização social dos grupos étnicos-raciais, segundo por manifestações de racismo dentro das mais diversas instituições, incluindo a saúde. De acordo com Willians; Prieste (2015) o racismo manifesta-se de várias formas, tanto em nível pessoal, quanto em nível social. Atua como impulsionador de desigualdades, marginalizações e vulnerabilização. Nos últimos 60 anos a aceitabilidade tem influenciado nos debates direcionados à diminuição da desigualdade influenciada por raça. A forma de preenchimento de lacunas e implementação de algo que resulte em eficiência contra o racismo continua insuficiente e falha.

O racismo faz-se presente na sociedade há bastante tempo, estudos realizados por Goldenberg et al. (2003), mostram que a partir da década de 1990 enfatizou-se reflexões sobre a desigualdade da população, além do gênero, identidade, opção sexual e saúde. Ainda na década de 1990, algumas pessoas a frente do movimento negro indagam, embasados em hipóteses teóricas da área de saúde coletiva e parâmetros que reforçam as desigualdades de raça/cor e gênero, acerca da conexão entre racismo e saúde, solicitando poder público a integração do item raça/cor nos sistemas de informação em saúde (BATISTA e BARROS, 2017).

As ações realizadas durante o projeto em questão objetivaram ampliar o campo de visão dos profissionais de saúde, abrangendo além do declínio fisiológico dos usuários, a sensibilização acerca do racismo e o seu impacto na população. Isso é evidenciado pelos dados negativos de saúde e o alto índice de mortalidade, o que instiga o profissional a se perguntar “Qual o meu papel como indivíduo em uma sociedade e como isso reflete em meu trabalho?”

A percepção de aceitabilidade dos profissionais sobre o assunto desencadeou duas reações, em princípio curiosidade sobre as relações diretas a saúde, fragilidades fisiológicas, progressão da doença, entre outros. No segundo momento, resistência em considerar o racismo social como algo predominante no meio, o que se justifica pela dificuldade de uma auto avaliação.

O costume da naturalização de práticas racistas dificulta a quebra de paradigmas sociais, porém não impossibilita o diálogo sobre tais assuntos. Mobiliza e instiga a curiosidade, expondo as necessidades existentes. Segundo Monteiro, Villela, Soares (2014), a naturalização dos fatores sociais induz algumas situações, a primeira pode ser descrita como a situação de privilégio. Onde aquele privilegiado não identifica o outro e suas dificuldades, ressentindo-se quando perde campo de atuação. No segundo momento existe a constante desqualificação do sujeito, seja por seu corpo ou por sua pele, o categorizando como forma inferior; em terceiro momento a desqualificação do

sujeito é fortificada induzida ao sujeito em vulnerabilidade à posição de inferioridade quando comparado ao sujeito de privilégios.

4. Considerações Finais

As ações propostas pelo Sistema Único de Saúde visam promover atendimento específico às necessidades de forma global, porém percebe-se a dificuldade de manter o público profissional em constante atualização e em processo de intervenção social, dificultando assim a implantação da política, não obtendo retornos reais de como encontra-se a saúde de um grupo populacional.

Apesar de ser considerado por muitos como algo ilusório, na prática as evidências são contraditórias a isso. A grande dificuldade encontrada de se debater sobre o racismo, encontra-se interligada ao medo de expor um sentimento ou atitude de cunho racista, visto que essa ação resulta em pena inafiançável, ainda assim, mesmo com a resistência, ações de saúde que visem orientar e trabalhar o público profissional a uma particularidade de uma população reforça a importância do debate sobre esse assunto. Faz-se necessário o investimento em atualizações profissionais relacionadas à PNSIPN, às particularidades de saúde da população negra, as formas de tratamento do indivíduo, além de acolher e atender de forma satisfatória esse cliente para que o mesmo possa estar sempre se dirigindo à ESF em caso de necessidade e acompanhamento de sua saúde.

A educação étnico-racial deve ser incentivada em todos os estabelecimentos de ensino. É necessário lembrar que ainda precisamos avançar muito nesse tema, pois a história africana e afro-brasileira deve ser discussão prevalente na realidade cultural da educação infantil. Assim, além do reconhecimento do povo negro na sociedade brasileira, afastam-se as práticas de preconceito e racismo que persistem no meio social.

O relato em questão proporciona a ampliação de caminhos novos, visto que apresenta ao meio acadêmico a atuação direta com profissionais de uma Unidade Básica de Saúde, os desafios, as percepções e a importância de uma prática que leve informação e auxilie na educação desses profissionais, em que o baixo estímulo por parte gestoras a atualizações constantes, acarreta em risco a assistência à saúde, além de possibilitar também o início do rompimento de paradigmas anteriormente enraizados culturalmente, quebrando a barreira do receio de ser comentado e trazendo a tona o Racismo latente em uma sociedade. Os estudos atuais estão acarretando um aumento de informações direcionadas à população negra e o racismo sofrido pela mesma. Percebe-

se a tentativa de quebra de “protótipo” e a chance de reorganização das pessoas, oportunizando aos indivíduos que se sentem excluídos do restante uma reinserção à sociedade.

Referências

- ARAÚJO, Camilla Lima de. Racismo e humor : o impacto de piadas nas expressões de racismo. 2016. 132 f. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.
- BICUDO, V. L. Atitude dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora ANHEMBI, 1955.
- BATISTA, L. E.; BARROS, S. Confronting racism in health services. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 33, maio, 2017
- GONÇALVES, L. A. O. O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial: (um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau - 1ª a 4ª série). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 1985
- GOLDENBERG, P., MARSIGLIA, RMG and GOMES, MHA., orgs. *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. 444 p. ISBN 85-7541-025-3. Available from SciELO Books
- KEUM, B.T.; MILLER, M.J. Racismo na era digital: Desenvolvimento e validação inicial da Escala de Racismo Online Percebida (PORS v1.0). **Journal of Counseling Psychology**, v. 64, n.3, p. 310-324, 2017
- MONTEIRO, S.S; VILLELA, V.W; SOARES, P.S. É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 421-440, 2014.
- OLIVEIRA, E. **Relações raciais nas creches diretas do Município de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 1994.
- SANTIAGO, F. Creche e racismo .**Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 441-460, 2015
- SHUCMAN, L.V. Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude paulista. **Psicologia & sociedade**. v.26, n.1, p. 83-94, 2014
- WILLIAMS, D.R; PRIEST, N. Racismo e Saúde: um corpus crescente de evidência internacional. **Sociologias**, Porto Alegre. v.17, n.40, p. 124-17, 2015.